



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

**Hoje, eu acordei de bem com a vida sonhei que estava na avenida de azul e rosa a
desfilas: Mulheres da velha guarda e identidade**

Isabella Francisco Salles

ARARAQUARA

2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

Isabella Francisco Salles

**Hoje, eu acordei de bem com a vida sonhei que estava na avenida de azul e rosa a
desfilar: Mulheres da velha guarda e identidade**

ARARAQUARA 2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

Resumo: O carnaval como uma manifestação cultural emergente de resistência, e a sua importância na formação sociocultural brasileira, desejo me ocupar de compreender a Escola de Samba Rosas de Ouro. Como lugar de produção/expressão de formas de agência e significação que permitiram aos sujeitos e grupos sublinhando pela categoria negro construir formas de solidariedade política, ética, étnica e afetiva - formas de identidade -, cruciais a produção de suas trajetórias de vidas e na luta contra o racismo. Tendo como referência Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e bell hooks, os métodos utilizados são escrita e pesquisa participante. O objetivo dessa pesquisa é, através da trajetória de vivências das mulheres negras oriundas da velha guarda da comunidade carnavalesca Rosas de Ouro, compreender a escola de samba e a sua função na formação de identidade de indivíduos negros.

Palavras-chave: Escola de samba, mulheres negras, identidade.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

INTRODUÇÃO

No presente texto tomarei por analisar as escolas de samba a partir do olhar do parente, a partir do olhar do indivíduo que dentro de suas vivências como sujeito com a identidade em construção e a partir do conhecimento adquirido na academia, passa a perceber o seu próprio grupo como interlocutores. “Esse antropólogo com o ‘olhar da parente’ foi alimentado, criado (em afeto, palavras, vulnerabilidades, comidas, gestos) por aqueles com quem pesquisa e com o auxílio do “olhar etnográfico” passa a olhar para o próprio grupo.” (DAMÁSIO, Ana. 2022, pg. 7 - 8). A partir de um olhar de quem nasceu dentro da escola de samba, buscarei elucidar como a escola de samba faz parte da identidade de pessoas negras.

No presente texto procurarei apresentar as escolas de samba como um espaço de fortalecimento de identidades, um espaço educacional não formal pois, os enredos que as escolas levam para a avenida contam sobre as histórias de africanos ou descendentes que lutaram, lutam bravamente contra as opressões sofridas por pessoas negras durante e pós colonização. As histórias dos orixás que são enredos permitem uma maior compreensão sobre religiões de matrizes africanas, conhecimentos que são negadas ao longo da vida de sujeitos negros, a tradição das escolas de samba se mantém através da memória, oralidade e de geração para geração, o protagonismo feminino dentro das escolas de samba também será um tema a ser elucidado ao longo do texto como, quais espaços essas mulheres ocupavam dentro de suas agremiações, além da jornada tripla também ser uma mulher que desfila, e também pautar o quão importante foi a participação feminina para as escolas de samba se tornarem o que conhecemos hoje. Aqui não procurarei folclórica tal cultura, mas sim mostrar as suas potencialidades e suas formas de agenciamento.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

Quando críticos brancos escrevem sobre a cultura negra, porque é um assunto que está em “alta”, sem se perguntar se seu trabalho ajuda ou não a perpetuar e a manter a dominação racista, eles contribuem para a comoditização da “negritude” que é tão peculiar nas estratégias pós-moderna de colonização. (Hooks, Bell, 1952-2021. p.44)

Sociólogos e antropólogos brancos buscaram interpretar o carnaval contribuindo para os estereótipos já estabelecidos, fortalecendo cada vez mais no imaginário social o carnaval apenas como uma festa profana, um tempo cósmico aberto. A partir de um desejo de se construir uma identidade nacional para o Brasil, antropólogos, em especial partiram em busca de se pensar na hipótese, os africano que até então, só tinha espaço como mão de obra, seria um sujeito possuidor de cultura ou com capacidade de contribuir para essa identidade nacional brasileira, no final do século XIX, o debate sobre etnia, miscigenação e classificação de diferentes etnias dá espaço aos estudos das culturas, mantendo-se a lógica colonial de classificação.

Buscarei neste trabalho estabelecer uma percepção político cultural das escolas de samba que estão trabalhando de carnaval a carnaval na construção de uma identidade negra crítica e circular, identidade essa que não é finita e que está o tempo todo se refazendo. “Eu era criada (pelas vivas, mortas, por aquelas que mesmo nos sonhos me visitam para contar sobre a Vida, nossa Vida, nosso Viver, para me consolar e me ajudar a lidar com mundo).”(Damásio, Ana. 2022, pg.10)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

1. FESTAS POPULARES NO BRASIL: BREVE LEVANTAMENTO HISTÓRICO

O presente texto tem a pretensão de um levantamento bibliográfico de como as manifestações populares brasileiras eram interpretadas, perpassando por dois intelectuais em tempos históricos diferentes que tentavam, através de um discurso colonial, articular sobre a nossa formação sociocultural, sendo eles Gilberto Freyre (1900-1987) e Roberto da Matta (1936 -)

Gilberto de Mello Freyre (1900-1987), nascido em Recife, filho de magistrado, tendo acesso a educação de nível básico até superior, aos dezoito anos vai para o Texas, Estados Unidos, onde se formou em Artes Liberais pela universidade Baylor, se especializando em ciências políticas e sociais, concluindo seu mestrado e doutorado em ciência políticas, jurídicas e sociais na universidade de Columbia. Freyre, conhece o professor Franz Boas, um de seus maiores referenciais teóricos. Em 1933, é exilado após se opor contra a Ditadura Vargas, ano em que escreveu seu célebre livro “Casa Grande e Senzala”, apesar de todas as problemáticas que envolvem o seu livro, Freyre, apresenta uma nova forma de se pensar raça e cultura, por forte influência de Franz Boas, que distingue o conceito de raça e cultura.

Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. (FREYRE, Gilberto, 2003,pg.32)

Em Casa Grande e Senzala Freyre, se ocupa em descrever a vida colonial brasileira, abordando questões sociais, antropológicas, geográficas, alimentares e religiosas, defendendo que, enquanto povo e nação o Brasil, se formou a partir da sociedade colonial, agrária,

escravocrata, patriarcal e híbrida, o autor não se ocupa intimamente de falar sobre manifestações populares brasileiras ou folclore mas, está interessado em descrever as características da colonização brasileira, a dinâmica do engenho, o papel do indígena e do negro escravizado na construção de uma nova identidade sociocultural para o Brasil.

A miscigenação para Freyre, se apresenta como uma característica única do Brasil sem mencionar que a mestiçagem era fruto de abusos sexuais com as mulheres negras escravizadas e indígenas imposto por colonizadores portugueses, "A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala." (Freyre, Gilberto, 2003.pg.)

O autor acredita que, senão fosse a miscigenação, à distância casa-grande e senzala teria sido conservada, com o seu livro Gilberto Freyre sem saber planta a semente da democracia racial, conceito criado na década de 30 no século XX, onde as três etnias, negra, branca e indígena vivem em harmonia. "[...] constitui a visão pública e oficial com relação aos negros. De acordo com ela, estes são cidadãos como quaisquer outros e, por causa disso, não são submetidos ao preconceito ou à discriminação." (GONZALEZ, Lélia, 2020, p.16), o mito da democracia racial tem como interesse a legitimação do pacto da branquitude, discurso esse que mantém os privilégios entre seus iguais ainda presente na modernidade. Como já explicitado por Lélia, o mito da democracia racial coloca o negro em um lugar de não lutar por seus direitos como o acesso a um estudo de qualidade, saúde e moradia Freyre, também disseminou no imaginário social o papel da mulher preta.

Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar.
Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida.
Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao

ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem.
(FREYRE, Gilberto, 2003,pg.367)

O autor trabalha com duas visões sobre a mulher negra, a Mucama e a Ama de leite sempre estereotipando o corpo, e é a partir da segunda personificação da mulher preta na sociedade escravocrata que emerge a figura da mãe preta, que criou e educou meninos brancos ensinando-lhes a história da África e seus mitos. “A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles”. (FREYRE, Gilberto, 2003,pg.414). Freyre, trabalha com outras epistemologias antropológicas ao separar raça e cultura fazendo uma outra análise sociocultural do Brasil, que já tinha sido feito por seus sucessores como Nina Rodrigues, mas, não deixa de estereotipar corpos pretos e classificar as etnias, ao colocar que todas vivem em igualdade e harmonia.

O darwinismo social foi um pensamento muito forte no século XIX, buscava-se a classificação entre as três etnias, na intenção de se criar uma identidade nacional os pensadores da época acreditavam que existiria uma dificuldade de desenvolvimento entre as três culturas na sociedade, “[...] o processo de formação de identidade nacional no Brasil recorreu aos métodos eugenistas, visando o embranquecimento da sociedade.” (Munanga, pg.15)

O debate sobre a mistura de etnias e seus possíveis problemas era um debate crescente em diferentes sociedades, o assunto chega ao Brasil, no período pós abolição no séc XX momento em que se discutia sobre a mistura de diferentes culturas e etnias e como iriam se desenvolver a cultura nacional. Os Nina Rodrigues, Oliveira Viana, Silvio Romero e Euclides da Cunha embora esses dois últimos não tenham se debruçado apenas os estudos sobre tal tema “[...] fizeram os primeiros esforços em prol da criação de uma antropologia nacional



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

assente em critérios autônomos de avaliação de nossas relações étnicas [...]” (Ramos, Guerreiro. pg, 139) tais estudiosos sobre o tema beberam da fontes europeias e norte-americanas para tentar entender a formação do Brasil. Tais intelectuais usaram diferentes referências para debater sobre o mesmo assunto, Nina Rodrigues diferente do pensamento de Euclides da Cunha, ao colocar que

o ponto de convergência entre todas as teorias desenvolvidas até aquelas que se diferiam em diversos aspectos, era enxergar o negro como um corpo estranho na sociedade e a mistura entre as diferentes etnias algo terrível para o desenvolvimento da sociedade brasileira, “Todos o veem como algo estranho, exótico, problemático, como não Brasil, ainda que alguns protestam ao contrário”(Ramos, Guerreiro. pg, 169). A mestiçagem para alguns intelectuais era enxergada como um atraso visto que, o ‘mestiço’ era interpretado como instáveis, irregulares e subversivos não herdando nenhuma qualidade da etnia branca, os estudiosos não mencionam que os filhos dessa mistura são frutos de abusos sexuais, alguns estudiosos enxergavam na mistura de etnias uma saída para a população brasileira, que cada vez mais era uma sociedade negra o branqueamento dos sujeitos se apresenta como um ideal para a melhora do país, o mestiço se apresenta como a solução mas, também o problema da sociedade pois, ele se configurar como um sujeito que tem acesso aos dois mundos a casa grande e a senzala.

A ideologia da mestiçagem é separar para melhor dominar e podemos enxergar hoje os seus problemas sendo eles, a dificuldade que pessoas negras encontram para construir uma identidade coletiva mobilizadora a mistura cultural também pode ser vista como um problema pois ao longo dos anos houve um severo processo de ressignificação cultural pelas partes subalternizadas, e durante o século XX no ano 1941, é formalizada a lei da vadiagem que



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

promovia um controle social e territorial perseguindo pessoas negras praticantes de manifestações culturais como a capoeira, samba e religiões de matrizes africanas.

Nesse momento temos a virada epistemológica no pensamento antropológico brasileiro de não se discutir sobre etnias mas, sim sobre culturas. “Porém, ele desloca o eixo da discussão, operando a passagem do conceito de "raça" ao conceito de cultura. Como escreve Renato Ortiz, essa passagem permite um maior distanciamento entre o biológico e o cultural [...]” (Kabenguele,pg.87) Freyre, como já colocado acima, avança alguns passos no estudos da identidade cultural e étnica brasileira, mas, não deixa de classificar e estereotipar corpos negros em especial as mulheres.

observar ao longo do tempo que, o estudo sobre as manifestações culturais afro brasileiras e a contribuição dos africanos na formação de identidade da sociedade brasileira, sempre esteve pautada na participação desses sujeitos a partir da escravização não se pensava, não se enxergava o negro como um sujeito ativo na construção de uma identidade brasileira. “O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação de uma identidade nacional”(Munanga, pg.54) antropólogos e sociólogos brasileiros no final do século XIX e durante o século XX se ocuparam inteiramente em estudar a identidade étnica brasileira, buscava-se estabelecer uma relação entre as três etnias que, no território brasileiro e durante a colonização estabeleceram outras dinâmicas para as suas manifestações culturais que, após um longo processo de repressão tiveram suas culturas modificadas em decorrência das perseguições que resultaram em sincretismo religiosos e culturais.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

Roberto Augusto DaMatta nasceu em Niterói, no ano de 1936, é formado em História, especializou-se em Antropologia Social, possui o título de mestre e doutor pela universidade de Harvard, trabalhou como antropólogo no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, ministrou aulas nas universidades UFF e UFRJ, onde dirigiu o programa de pós graduação em Antropologia Social, de 1987 a 2003, atualmente é professor da PUC-rio. Damatta se dedica à interpretação da sociedade brasileira, em 1983 a partir do seu desejo de entender o dilema brasileiro lança o livro intitulado Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro, a partir da teoria das dramatizações e do que o autor intitula ser os personagens principais da sociedade brasileira seus malandros e heróis.

DaMatta busca interpretar a sociedade brasileira através do método da antropologia social ou sociologia comparada, tendo como alvo comparar ideologias dominantes ou sistemas de valores, “neste livro, tomo o caminho de estudar o ritual como uma dramatização de certos elementos, valores, ideologias e relações de uma sociedade” (Damatta, Roberto. 1997, pg.41), entendendo o rito como um fenômeno que se repete e tem a capacidade de produzir valores e identidades sociais, ele passa a estudar os ritos dentro da teoria das dramatizações compreendendo “[...]dramatizações de temas e problemas do cotidiano de uma sociedade.”(Damatta, Roberto. 1997, pg.41) sendo uma maneira de chamar a atenção para diferentes aspectos de uma realidade social. O autor compara dois ritos nacionais tendo esses a capacidade de suspender atividades na escola e no trabalho, carnaval e Dia da Pátria colocando em comparação diferentes quesitos de ambos os feriados, o carnaval tendo uma cronologia cósmico estando aberto “Exatamente pode ser definido como um tempo de licença e

abuso, o carnaval conduz de modo aberto à focalização de valores que não são somente brasileiros, mas cristãos” (Damatta, Roberto, 1997, pg.54), o Dia da Pátria ao contrário remete a um tempo histórico relembrando uma especificidade da história do Brasil, a escola de samba para Damatta, foge do viés hierarquizante o que eu discordo, pois existem ligas de escola de samba para ordenar o carnaval, existe uma escola campeã e aquelas que descem para o grupo de acesso. “Aqui, celebra-se, o estado de ser pobre e destituído” (Damatta, Roberto, 1997, pg.60) Damatta, não enxerga o carnaval como um lugar de resistência e subversão mas, sim onde todos aceitam o seu lugar de pobre e oprimido, sem enxergar que o carnaval possibilita a comunidade negra falar de suas dores, religião e cultura. Continuando com suas comparações esdrúxulas ele, fala sobre a diferença entre farda e fantasia, de um lado as fardas que simboliza identidades concretas do outro as fantasias que demonstram algo irreal visto que, quem veste essas fantasias são pessoas pobres e marginalizadas que, para o autor não alcançará a realidade de ser um juiz ou médico.

Pensando a identidade como algo inacabado, em formação ao longo do tempo e que está sempre se refazendo, e também refletindo a escola de samba como um lugar de representação tivemos até o momento Sociólogos ou Antropólogos que, visam interpretar manifestações culturais afrobrasileiras pelo viés nacionalista, desejando construir uma sociedade homogênea a única. “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. (Stuart, Hall, 2005, pg.59). A cultura nacional nasce desse desejo de tornar todos em um só, Damatta, ao fazer uma comparação bizarra entre dois feridos nacionais com viés social, político e cultura diferentes deseja colocar o carnaval ou a escola de samba como algo imaginado, fantasioso, o autor não mede esforços, em colocar que, a comunidade que faz o carnaval acontecer são pessoas pobres e pretas e o Dia da Pátria são pessoas com altas batentes. Qual a influência social e



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

cultural do Dia da Pátria? Na análise do autor diversas, entre elas o poder de historicizar, o rompimento do período colonial e o início da moralidade política. Já a influência social e cultural do carnaval não existe, pois, para Damatta, é apenas um tempo cósmico e polissêmico sem se dar conta que, as escolas de samba são espaços em que, pessoas marginalizadas conseguem adentrar ao centro para falar da sua realidade social, política e cultural.

Freyre, utilizando-se de doutrinas do racismo científico e darwinismo social que estão pautadas na superioridade do branco, vivendo em uma época em que, a tese de branqueamento era muito forte onde se tinha o desejo de embranquecer a sociedade brasileira para uma possível ascensão social, também se tinha o desejo de superação e neutralização das culturas Afro e indígenas. Por conta da sua vivência de ser um estudante nos Estados Unidos em 1910 e início da década de 20 onde a segregação racial era uma realidade para os negros estadunidenses, ao chegar no Brasil e se deparar que não ocorre uma separação social dos negros, elabora que viveremos uma democracia racial Freyre, entende que, o Brasil jamais seria um país branco mas, haveria uma democracia racial entre as três raças, a identidade do negro brasileiro é atravessada pelo mito da democracia racial. Pois impossibilita ao negro se enxergar como um sujeito possuidor de cultura, e o desejo de se embranquecer também é muito latente.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

1.2 PENSANDO FESTAS POPULARES BRASILEIRAS ATRAVÉS DE LÉLIA GONZALEZ

A primeira forma de se pular carnaval no Brasil, foi introduzida pelos Portugueses, com o entrudo que se atirava tinta e farinha nas pessoas que participavam do cortejo, a festa toma outras características a partir da participação de negros escravizados que forma criando outras dinamicas mas, sem perder a essencia. A partir das contribuições das camadas populares que, o carnaval ganha uma identidade brasileira, “Sobretudo dos segmentos negros urbanos que, pressentindo as possibilidades de ritualização oferecidas pelo carnaval, foram ocupando esse espaço de festa com seus ritmos, seus contos e suas danças” (GONZALEZ, Lélia, 1987-2024, pg.50). No final dos anos 1920, é que as escolas de samba aparecem no cenário carioca, produzida por proletários que moravam nos morros e subúrbios.

O samba paulistano recebeu influencia do samba rural, do interior por ser a zona em que mais se concentrava negros escravizados a festa Pirapora do Bom Jesus, era onde os negros tinha a oportunidade de um encontro com o seus pares que, iam acompanhar seus senhores mas não participavam da semana religiosa que, a festa propunha e assim eles estabeleciam uma outra festa entre eles onde havia roda de samba, com tambor de pipora e dançavam umbigada. O carnaval paulistano tinha como principal manifestação os cordões carnavalescos que dão origem a escolas que conhecemos hoje como Vai Vai e Camisa Verde e branco, Dionísio fundador do Camisa após anos morando no Rio de Janeiro, e tendo conta com os ranchos cariocas, decide criar um em São Paulo, a atual Escola de Samba Camisa Verde e Branco. Em 1934 ocorre o primeiro desfile regularizado pela prefeitura, a bateria era composta por instrumentos de percussão e sopro o ritmo era marcha-sambada, as primeiras escola de samba sofreram grandes influências dos cordões havendo uma mescla de elementos



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

do cordão com características do carnaval carioca. Madrinha Eunice funda em 1937, a primeira escola de samba paulistana, apesar de toda a repressão sofrida durante o período da Ditadura, instrumentos sendo furados, sambista sendo mortos por militar é durante esse período que, o carnaval é oficializado pelo prefeito José Vicente Faria Lima, no ano de 1967, os desfiles aconteciam no Parque Ibirapuera tendo como campeã a escola Nenê de Vila Matilde, que adiciona elementos do carnaval carioca em seus desfiles, no final da década 1960, começam a surgir novas escolas, Mocidade Alegre e Rosas de Ouro, no ano de 1971 e 1977. Os desfiles passam acontecer na Av.Tiradentes onde contava com a participação do público, no ano de 1986, é fundada a Liga Independente das Escolas de samba (LIGA-SP) que tem como objetivo a organização e administração dos desfiles buscando trazer uma característica profissional para o carnaval, em 1991, os desfiles passam acontecer no Sambódromo do Anhembi até os dias de hoje.

Através desse breve levantamento histórico do desenvolvimento do carnaval ao longos dos anos, podemos perceber o quanto a comunidade negra e proletária estiveram engajadas na transformação das escolas de samba em célebres espetáculos e também um lugar de acolhimento, resistência e pertencimento podemos ver o quanto pessoas marginalizadas trabalharam e trabalham para que suas realidades possam ser ouvidas, que o carnaval deixe de ser interpretado como uma festa mas, sim um momento de transgressão, onde o foco não é falar sobre as dores de ser preto no Brasil, mas sim de como a escola de samba se apresenta como uma resistência, uma unidade de identidade positiva para o negro que, muitas vezes se encontra sem referencia na sociedade branca eletista brasiliara.

As festas afro-brasileiras são o efeito simbólico de um extraordinário esforço de preservação de formas culturais essenciais trazidas de outro continente e que, aqui, foram recriadas sob condições as mais adversas.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

Afinal, a população negra não veio para o Brasil, como imigrante, mas como escrava. (GONZALEZ, Lélia, 1987-2024,pg.99)

Após essa breve introdução sobre a história do carnaval me concentrarei agora em fazer uma análise das escolas de samba a partir da bibliografia já apresentada. Tomarei aqui a cultura popular como cultura marginal, farei isso por pensar que popular tem uma conotação pejorativa e também o termo popular não contempla todas as vicissitudes de uma cultura marginal. E entendo a mesma assim, por que todas as manifestações culturais e religiosas produzidas por pessoas negras como a capoeira, candomblé e o samba sofreram diversas perseguições e sofrem até hoje, e que os agentes que fazem parte dessas comunidades são pessoas que vivem à margem muitas vezes tendo o acesso negado a educação e quando se tem o acesso, o corpo negro não se sente aceito por tais razões tratei aqui a escola de samba com esse papel de uma educação informal, e pensando no modus operandi academico pois ser um ensino informal não deixa de ser potencializador de conhecimento, a escola de samba esta para ensinar ao individuo negro o que ele não tem acesso na escola regular que é aprender sobre malunguinho, a cultura banto, Yasuke entre tantos outros temas resistentes que já foram levados para avenida.

Ao decorrer do texto tratei de falar um pouco sobre a participação feminina no movimento do samba como tia Ciata, madrinha Eunice que foram figuras importantíssimas na ascensão do samba e das escolas de sambas, a mulher negra sendo a perpetuadora das culturas marginais negras, após o estabelecimento das escolas de samba na sociedade brasileiras sofreram com o acesso a cargos importantes nas instituições. Dona Ivone Lara, artista, mulher negra e compositora que compôs belíssimos sambas para a Escola de Samba Império Serrano, localizada no bairro de Madureira, Rio de Janeiro - RJ, não assinava os sambas que compunha, dando algumas autorias para amigos assinar e apresentar na escola pois não era permitido mulheres na ala de compositores, mulheres também não desfilavam na ala musical,



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

Dona Bernadete, foi a primeira mulher a interpretar um samba enredo em 1991, a primeira mulher a assumir a presidência de uma escola foi em 2003, na Mocidade Alegre . Em São Paulo tivemos a primeira mulher mestre de bateria no carnaval de 2023, podemos ver que a escola de samba também não está isenta de ideologias machistas e sexistas pois para participar da agremiação o acesso das mulheres só eram permitidos em alas como baianas e passistas ou trabalhando na confecção de fantasias os lugares de destaques também foram negados.

E através de um longo processo de fazer com que a escola de samba também contemplasse o saber feminino, as mulheres negras passam a construir suas famílias e educar seus filhos e netos dentro de tais agremiações permitindo construir um lugar de pertencimento, onde o negro toma por referências pessoas da agremiação e também aprendem um pouco sobre sua história que é algo negado ao longo dos anos ao indivíduo negro, não saber sobre seus antepassados o que muitas vezes impede a construção de uma identidade segura de si , a escola de samba permite que as mulheres negras possam criar seus filhos em um ambiente seguro, e estando dentro da agremiação aprende muitas vezes a tocar um instrumento ou desfilar na ala das crianças.

Uma pessoa pode experimentar e até mesmo curtir prazeres tão diversos assim porque transgredir, porque se desloca “para fora do seu lugar”. Para muitos de nós, esse movimento requer fazer pressão contra limites opressivos imposto por raça, sexo e dominação de classe. Inicialmente, então, é um gesto político desafiador (hooks, **bell**, 1952 - 2021, pg. 281)

Após apresentado os dois elementos, o primeiro, a escola de samba como esse ambiente que permite ao negro acessar saberes marginais, saber de suas histórias e também do mundo a partir da sua perspectiva, permitira que ele se descole para viver outras realidades, o



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

segundo elemento apresentado foi o sentimento de pertencimento e acolhimento que o negro compartilhar ao participar de um Gremio Recreativo Escola de Samba. Tais elementos permitem que a escola de samba esteja participando ativamente na construção de identidade do indivíduo negro permitindo que o acolhimento e representação faça parte de sua vida, os Gremios Recreativos permitem ao negro imaginar que ele pode ser o que quiser, que apesar de todo o silenciamento enfrentado, durante o carnaval terão que nos ouvir, transformando cada vez mais o carnaval em potência política. Não podemos nos esquecer também que, o carnaval de um modo geral vem sofrendo com o esvaziamento de suas diretrizes políticas culturais muitas vezes nos deparamos com agremiações levando para avenida enredos patrocinados por instituições privadas fazendo com que o objetivo final do carnaval se perca, a lógica mercadológica se faz muito presente nas instituições carnavalescas fazendo com que se vise somente lucro, sem pensar na importância sociocultural e política do carnaval. “As estratégias de dominação são inerentes à apropriação cultural e visam apagar a potência desses grupos, esvaziando de significados todas as suas produções, como forma de promover seu aniquilamento.”(William, Rodney, 2019, pg.26).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

DAMÁSIO, Ana Clara Sousa. 2022. Olho de parente e o olho estranho: considerações etnográficas sobre viver, olhar, ouvir, escrever e permanecer. Novos Debates, Brasília v.

DAMATTA, Roberto. 1936. Carnavais, malandros e heróis : para uma sociologia do dilema brasileiro / Roberto da Damatta. - 6 ed. Rio de Janeiro, 1997

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo : Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil ; 1).

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Festas populares no Brasil / Lélia Gonzalez; prefácio Raquel Barreto; prólogo Leci Brandão; pós-fácio Leda Maria Martins. - 1. ed - São Paulo: Boitempo, 2024.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus Araraquara - SP

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 10. ed - Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardiã Resende ... et al.- Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

hooks, bell, 1952-2021. Anseios: raça, gênero e políticas culturais / bell hooks; tradução Jamile Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

WERNECK, Jurema Pinto. O samba segundo as ialodês: Mulheres negras e a cultura midiática. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

William, Rodney Apropriação cultural / Rodney William. -- São Paulo : Pólen, 2019.